



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E LITERATURA

INTERNATIONAL SEMINAR ON PHILOSOPHY AND LITERATURE

PORTUGAL - GOA:

OS ORIENTES E OS OCIDENTES

THE EAST(S) AND THE WEST(S)

Coordenação de Maria Celeste Natário, Renato Epifânio e Maria Luísa Malato



Ficha técnica

Título:

Portugal – Goa: os Orientes e os Ocidentes

Portugal – Goa: The East(s) and the West(s)

Seminário Internacional de Filosofia e Literatura

International Seminar on Philosophy and Literature

Organização:

Maria Celeste Natário (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Renato Epifânio (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Maria Luísa Malato (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto / Instituto de

Literatura Comparada Margarida Losa)

Paulo Borges (Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa)

Editor:

Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Instituto de Filosofia

Ano de edição:

2019

ISBN 978-989-8969-35-4

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-35-4/port>

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1691&sum=sim>

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência FIL/00502.

SE NÃO FOSSES TU: A VISÃO DO OUTRO NOS COLÓQUIOS DOS SIMPLES DE GARCIA DE ORTA

Raquel Madrigal Martínez

Universidade de Évora
Largo dos Colegiais 2, 7000-812 Évora
266 740 800 | elgudianavayseesconde@gmail.com

Resumo

Com este ensaio queremos analisar as mudanças mentais que se processaram na cultura do Renascimento como consequência da descoberta de novas realidades e o subsequente convívio com outros modos de entender o mundo, realidades estas pouco ou nada conhecidas até finais do século XV. Centraremos o nosso estudo no caso particular da Índia e Garcia da Orta (ca. 1500-1568), o primeiro médico europeu a escrever um livro sobre plantas medicinais do Oriente: *Coloquios dos simples e drogas he cousas medicinais da Índia e assi dalgũas frutas achadas nella*, obra publicada pela primeira vez em 1563, em Goa.

Palavras-chave: Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, o Outro, Renascimento.

Abstract

With this essay we aim to analyze the mental changes that took place in Renaissance culture as a consequence of the discoveries of new realities and the subsequent conviviality with other forms of understanding the world, realities little known or unknown until the end of the fifteenth century. We will focus our study on the particular case of India and Garcia da Orta (ca. 1500-1568), the first European physician to write a book on medicinal plants of the East: *Coloquios dos simples e drogas he cousas medicinais da Índia e assi dalgũas frutas achadas nella*, a work first published in 1563, in Goa.

Keywords: Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples*, the Other, Renaissance.

Nos *Colóquios*¹, Garcia de Orta aborda, para além de assuntos médicos, temas de muitas outras índoles que vão desde episódios históricos coevos até normas de conduta e costumes de outras culturas com as quais convivia. Através do autor e da sua obra tentaremos aproximar-nos dos elementos que intervieram ao longo do encontro entre civilizações, afastadas por uma distância geográfica que acaba com a expansão europeia.

Orta era de origem portuguesa, mas filho de espanhóis, e sua formação académica também era espanhola: isso reflecte-se em seu discurso, onde vamos encontrar, perplexos, a língua espanhola a cada passo, às vezes, de maneira atrevida e impertinente. Logo à partida, já temos duas culturas aqui, forjando o mesmo autor. Acrescentamos a tal mescla o seu contacto com a cultura indiana: os *Colóquios* foram escritos em Goa, onde o autor, antes de escrever o livro, absorveu durante trinta anos uma terceira cultura, numa época em que a navegação não consistia, como agora, num clique do rato, mas em seis meses de viagem por barco. Podemos imaginar o impacto que isso produziria e as transformações mentais da sua imersão nessa terceira cultura. Como é de supor, toda essa transferência foi decisiva na criação dos *Colóquios*. Sendo eu filóloga, não resisto a trazer aqui o caso duma palavra que exemplifica a influência da Índia em Orta, palavra essa que ele introduz não apenas nos *Colóquios*, mas também na própria língua portuguesa; palavra que ainda hoje utilizamos no quotidiano das nossas vidas. Assim como utilizamos aquilo que esta palavra define. A palavra é esta²: a canja.

Nestes dias damos a comer ao emfermo leite azedo misturado com arroz, e franguos delidos em aguoá deste arroz (a que elles chamão *canje*) e segundo vemos na fraqueza do

Vol. II, das ervas contra as camaras, pág. 15.

Produto também do contexto cultural é o género que Orta escolhe para expor suas experiências e seu pensamento: o diálogo. O humanismo encontrou no diálogo a forma de discurso que efectivamente cumpre bem a função de disseminar um novo conhecimento advindo das descobertas de novas realidades, tanto na América

¹ Garcia de ORTA, *Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da India*, Impreso por Iojannes de Endem, Goa, 1563.

² Os fragmentos dos *Colóquios* foram retirados da edição do Conde de FICALHO, *Coloquios dos simples e drogas da India*, por Garcia da Orta, Edição publicada por deliberação da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Dirigida e anotada pelo Conde de Ficalho (socio effectivo da mesma academia), Imprensa Nacional, Lisboa, 1891.

quanto na Ásia³. Se existe uma forma literária inseparável do seu contexto histórico e social é esta, a do diálogo, com a qual Orta nos oferece um amplo panorama da Índia portuguesa e dos povos e culturas, com os quais ele estava relacionado. O diálogo é o género de um mundo que, de repente, se abriu à sua discussão, se tornou maior e mais diversificado.

Para conhecer melhor o autor, diremos que Garcia de Orta⁴ nasceu em Castelo de Vide, uma aldeia alentejana na fronteira com a Extremadura espanhola, para onde os seus pais, judeus sefarditas, tinham fugido da Inquisição. Na sua juventude, estudou medicina nas universidades de Salamanca e Alcalá, onde o seu interesse por plantas medicinais lhe valeu a alcunha de "o ervas". Depois de formado, regressou à sua cidade natal, onde trabalhou como médico entre 1526 e 1530, ano em que entrou na Universidade de Lisboa, onde seria responsável pelo ensino da Filosofia Natural e da Filosofia Moral. Em Março de 1534, sentindo-se inseguro por causa do trabalho instável e pressão que a Inquisição estava a começar a exercer em Portugal (onde ele era um cristão-novo), decidiu embarcar para a Índia na armada de Martim Afonso de Sousa, seu protetor. Seis meses depois de iniciar uma viagem sem retorno, chega a Goa.

Sua experiência como médico na Índia começa com o tratamento dos feridos nas batalhas travadas pelos portugueses. Mais tarde, tornou-se médico no Hospital Real de Goa, considerado por alguns como o melhor hospital do mundo. A prática quotidiana e o diálogo com pacientes de todas as etnias sociais e grupos culturais, somados à visita aos bazares e às boticas, e à convivência com médicos muçulmanos, persas e judeus, ofereceram-lhe uma vasta experiência científica e a abertura mental que mais tarde se reflectirão na sua obra.

Depois de quase trinta anos da sua chegada à Índia, os *Colóquios* vêm à luz sob a forma de diálogo, uma conversa que decorre entre as duas personagens principais: Ruano e Orta. O primeiro representa o conhecimento teórico; o segundo é a voz do conhecimento baseado na experiência da observação.

Evidentemente, os protagonistas são personagens de ficção, mas com uma estreita ligação com as pessoas da realidade. Assim, é ingénuo pensar que Orta nada mais

³ Maria Teresa NASCIMENTO, *O Dialogo na Língua Portuguesa. Renascimento e Maneirismo*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2011, p. 42.

⁴ P. M. Laranjo COELHO, «Três médicos cientistas naturais de Castelo de Vide: Garcia d'Orta, Francisco Morato Roma, José António Serrano», *O Instituto: jornal científico e litterario*, CXVI, 1954, pp. 378-463.

faz do que reflectir ou narrar os seus conhecimentos, esquecendo a presença histórica e autobiográfica que percorre a obra do começo ao fim. Deve-se notar que os *Colóquios* representam, além de um valioso tratado sobre medicina, um documento no qual são apresentadas personagens que existiram de verdade, e factos históricos que realmente aconteceram.

Orta revela claramente como um autor escreve envolvido em um meio, em certas circunstâncias, em uma cultura dominante que determina seus valores éticos e morais. Tinha passado quase trinta anos, aproximadamente metade de sua vida, imerso numa cultura diferente daquela que lhe havia correspondido por nascimento, e o impacto que essa circunstância teria sobre ele e as transformações mentais decorrentes dessa imersão cultural são evidentes. Como é de supor, toda essa transferência cultural foi decisiva na criação dos *Colóquios*, e demonstra o factor determinante que acabou por ser a imersão cultural de Orta na Índia. É difícil acreditar que Orta tivesse escrito os *Colóquios* se não tivesse passado por todo este processo. Alguns anos após a publicação dos *Colóquios*, outros livros sobre plantas medicinais surgiram na Espanha (assinadas por autores como Juan Fragoso⁵ e Cristóbal Acosta⁶), traduzindo literalmente as partes do texto de Orta em que se descreviam as drogas, mas ignorando completamente quaisquer outras alusões do texto de Orta, evitando o questionamento das diferenças culturais. Pensemos que o sentimento etnográfico ainda não estava desenvolvido naquela época e apenas a exposição directa a outras realidades era capaz de despertar a consciência das diferenças e costumes raciais. Porque não é simples reconhecer o Outro. O Outro é sempre o Outro. Até Orta, mesmo nas suas circunstâncias, tinha dificuldades em o descrever, e acaba por ir procurar imagens que lhe são próximas para explicar as coisas do Outro. Vejamos um exemplo: o dos pagodes em pedra, muitas vezes decorados com motivos que a cristandade associava à presença demoníaca, mas ainda assim desafios para quem era curioso:

⁵ Juan FRAGOSO, *Discursos de las Cosas Aromáticas, árboles y frutales y de otras muchas medicinas simples que se traen de la India Oriental*, Madrid, en casa de Francisco Sánchez, 1572.

⁶ Cristóbal ACOSTA, *Tratado de las Drogas y Medicinas de las Indias Orientales*, Burgos, Impreso por Martín de Victoria, 1578.

vizinhos cercados; tem esta serra huma subida grande, e chegando á serra está huma casa grande de pagode, feita e talhada dentro na pedra, onde depois edificaram os frades de Sam Francisco huma igreja, chamada de Sam Miguel. Ha muytos pagodes de pedra, subindo pera a serra; e subindo mais acima tem outras casas feitas de pedra, e dentro com suas camaras; e subindo mais acima tem outra ordem de cazas feitas dentro na pedra, e nessas casas tem hum tanque ou cisterna da agoa, e tem canos por onde lhe vem agoa da chuiua, e mais acima vai outra ordem de casas polla mesma maneira feitas. Seram por todas até trezentas casas, todas tem idolos esculpidos nas pedras; com tudo isso sam mui carregadas, e mal asombradas, como cousas que foram feitas pera o diabo ser venerado.(3).

Tem outro pagode em huma parte da ilha, que chamam Maljaz; a qual he huma casa muyto grande, tambem feita dentro na pedra; e tem dentro muytos pagodes, e muyto mal asombrados; e todos os que entram nestas casas dizem que se lhe arepíam as carnes, que sam muyto medonhas (4).

Outro pagode melhor que todos ha em huma ilha chamada Pori, que nós chamamos a ilha do Elefante, e está nella huma serra, e no mais alto della tem huma casa debaixo da terra, lavrada em huma pedra viva, e a casa he tam grande como hum moesteiro, e dentro tem pateos e cisternas de muyta agoa muyto boa, e pollas paredes ao redor ha grandes imagens esculpidas de elefantes, e leões, e tigres, e outras muytas imagens humanas, asi como sam amazonas, e de outras muytas feições bem figuradas. E certo que he cousa muyto de ver e parece que o diabo pos ahi todas suas forças e saber, pera enganar a gentildade com sua adoraçam. E alguns dizem que fizeram isto os Chins, quando navegavam por esta terra. E bem póde isto ser verdade, segundo vai tam bem fabricado, e segundo os Chins sam sutis. Verdade he que aguora está muyto danificado este pagode com gado

Vol. II, Turbit, pág. 341.

Outra dificuldade é separar o Orta-autor do Orta-personagem. O propósito dos *Colóquios* é dar testemunho de sua experiência na Índia, sendo que vida e literatura estão misturadas. E então, é claro, estabelece-se uma luta pelo equilíbrio, na qual Orta se desdobrará com surpreendente facilidade. O diálogo contribui para que este equilíbrio se torne mais latente, já que o autor não só se identifica com Orta,

personagem que assume o papel de defender a experiência como instrumento de aprendizagem, mas também se identifica com a outra personagem principal, Ruano, devota do conhecimento escolástico, mas reflexo do Orta que, trinta anos antes, chegara à Índia. A subjectividade gravita de tal forma em torno das personagens que elas têm uma determinada opinião própria que as leva a fazer juízos de valor pessoal, mas estão sujeitas a uma comum simpatia e desejo de saber.

RUANO

Diz Ruelio que as pirolas de Rasis, que se dão na peste, compostas por Rufo, levão *aloes e mirra, amoniaco, temiama* e vinho; e diz o Ruelio, que porque causa estes Maumetistas havião de tirar o *amoniaco e temiama* e vinho, e haviã de acreçentar mais *açafram*?

ORTA

Nam vos queria ver tam affeiçoado a estes escritores modernos, que por louvar muyto aos Gregos dizem mal dos Arabios e de alguns Mouros nascidos na Espanha, e de outros da Persia, chamando-lhes Maumetistas barbaros (que elles tem por pior epiteto que quantos ha no mundo), em especial os Italianos; como que os Gregos, não sam os que agora chamamos Rumes, e os Turcos, a qual gente, tam crua, e çuja e mal acostumada, persegue ao presente mais a chris-tandade que outra alguma*: e por tanto vos digo que eu não nego a mézinha de Rufo ser a que elles dizem, e ser muito boa, mas digo que as pirolas de Rasis (de que usâmos) são

muyto boas e por muytos experimentadas, e o *açafram* se

Vol. I, Aloe, pp. 31-32

Essa possibilidade de empatia entre personagem-autor e personagem-interlocutor significa muito mais do que se imagina. A personagem-interlocutor é um duplo, mostra-se libertada de esquemas rígidos impostos, tanto do ponto de vista do comportamento esperado quanto da imagem que deve ser apresentada ao leitor / espectador. Orta mostra as personagens como elas são, como seriam se fossem pessoas; a honestidade ou a falta dela não emanará mais da atitude convencional,

mas do próprio sujeito, que se vai melhorando. Assim, um homem de ciência pode muito bem estar errado e isso não o torna num analfabeto:

RUANO

Antonio de Lebrixa, no Dictionario, dixe *anacardus*, herua frequentada ácerca de Galeno?

ORTA

Verdade he que dixe isso Lebrixa, e que era muy docto e curioso, mas enganouse no nome grego; e sem mais oulhar dixe que Galeno o dizia; foy descuido, e nam vos maravillheis disto, porque ás vezes dorme o bom Homero.

Vol. I, Anacardo, pp. 65-66

Também é possível chegar à razão e à justiça por caminhos diferentes, e tomando como exemplo o Outro:

RUANO

Aleguaes com gente muyto barbara e fera, pois sam os Scitas Asianos?

ORTA

Sam os Chins homens muy sutis em comprar e vender, e em officios macanicos; e em letras não dam vantagem a alguns outros, porque tem leis escritas, conformes ao direito comum, e outras muito justas; como se pode ver bem por hum livro que ha dellas nesta India; e huma destas leis, que me dixerão, he, que não pode o homem casar com molher que conheceo, sendo casada com outro marido; quanto mais que os homens que vão á China veem lá praticar muyta justiça e usar della; damse lá grãos e muytas onrras aos letrados, e elles sam os que governão o rei e a terra. Nas pinturas que fazem vem pintadas catedras, e homens que estão lendo, e ouvintes que estão ouvindo; quanto mais que, pera vos convencer seu gram saber, abasta que a arte de emprimir sempre foy lá usada, e nam ha em memoria de homens, ácerca delles, quem a enventou.

Vol. I, Costo, pág. 260

Os diálogos não atingem a objectividade, nem pretendem atingi-la. Orta compartilha uma geral subjectividade com os seres que ele cria, dotando-os de uma avaliação moral que depende não apenas de suas acções, mas também das circunstâncias que envolvem cada uma delas. Esse fenómeno não é pontual. Isso não acontece apenas nos *Colóquios*, e Orta também não pode ser considerado um precursor desse tipo de subjectividade em Portugal. É uma atitude que tinha começado muito antes, coincidindo com o início das descobertas, facto que permitiu a abertura mental porque resultado do contacto com outras realidades que até então não poderiam sequer ter sido sonhadas. O mundo se faz grande e alguns autores, longe de considerar impossível a possibilidade de diálogo, não escondem as diferenças e tentam encontrar um ponto de encontro para as versões das realidades recém-conhecidas.

RUANO

Pois tanta gente usa isto pera deleitaçam carnal, não pode ser que todos se enganem.

ORTA

Eu vos direi pera que aproveita, se me derdes licença, porque a materia não he muyto limpa, em especial dita em portugues.

RUANO

Dizei, porque as cousas não são çujas, senam quando as dizem os çujos, e com não limpa emtençam.

ORTA

A vertude imaginativa ajuda muyto a deleitaçam carnal, e como ella seja superior da vertude expulsiva, obedecelhe a ella, a qual vertude imaginativa, quanto he mais forte, tanto mais asinha se acaba o auto de Venus, porque manda a imaginativa vertude á espulsiva, que deite nos companhois a semente genital, e quanto mais se imagina niso, tanto vem mais asinha ao membro a semente; e porque os que comem este *amfiam*, estão como fóra de si, acabam este auto venereo mais tarde; e porque muytas femeas não deitam a semente tam asinha, em quanto tarda o homem, exercita ella a obra de Venus mais tarde, e em hum tempo juntamente se acaba o auto de conceber delles ambos, e pera isto ajuda o comer do *amfiam*, scilicet, pera acabar o auto venereo mais tarde; e mais o *amfiam* aperta os caminhos por onde vem a semente genital do cerebro, por causa da sua frialdade, e vem a fazerse a confeiçam de ambos juntamente. E bem sei que isto o entendeis muyto bem, mas se o escreverdes em romance*, não parecerá pratica muito honesta.

Mas nem todos conseguiam encontrar esse ponto de encontro. Para uma Igreja que temia a discussão dos dogmas tal não era possível. Este mesmo fragmento que acabamos de ler foi censurado pela Inquisição. O Concílio de Trento, que terminou em 1563, o mesmo ano em que Orta publicou seus *Colóquios*, contribuiu para que a doutrina se tornasse ainda mais radical e a sede de controle sobre todas as coisas dos homens se tornasse mais férrea. Entre essas coisas dos homens, está a sexualidade, entendida de uma maneira muito diferente nas várias culturas de que o nosso autor é nutrido.

Algumas verdades são alcançadas mediante ziguezagues, principalmente aquelas relacionadas com questões de natureza religiosa, que requeriam cuidados especiais e mais quando a pessoa que escrevia era cristã-nova, sempre sob suspeita. Um passo em falso não significaria apenas a censura da obra. Orta não gozará de muita liberdade, por exemplo, quando trata de questões religiosas, porque a Igreja, reflexo fiel do Deus que proclama, está em toda parte. Também em Goa. Mesmo assim, bastando-lhe algumas frases, Orta dá por vezes ao seu leitor um ponto de vista que é antagônico em relação à fé cristã, ainda que ao mesmo tempo evite a sombra da suspeita. Mas o surpreendente não é isso. Outros já haviam divulgado as crenças de outra fé. A novidade é que, diversamente de outros autores se posicionaram negando e condenando as crenças religiosas do Outro, afirmando que o que ele acabara de expor era mentira, Orta faz essa estratégia mudar: a mentira passa a fábrica de rumores, a conjecturas sem base científica, base científica de que os cristãos também carecem. Desta forma, sem o dizer explicitamente, Orta coloca as crenças no mesmo nível. Temos aqui um exemplo:

gado a lingua Caldéa ou da Suria antiga. E isto me dixe hum sacerdote abexim e hum bispo armenio. E porque Pico Mirandolano diz na sua *Apologia*, que *magos* em lingua caldéa quer dizer *sabedor*, progunteilhe, pois que elle dizia que a escritura sagrada estava escrita acerca delles em lingua caldéa, que me disesse que queria dizer *magos*; elle me disse que *magoxi* queria dizer naquella lingua caldéa *letrado e sabedor*, e que destes eram os *magos*, que vieram adorar a Nosso Senhor. E asi me dixe que nam eram reys estes homens, senão letrados grandes, assi nas estrellas, como nas outras cousas naturaes. E mais me dixe este bispo que a estrella que guiava a estes *magos* não era de natura celestial, senão elemental; asi como dizemos cometa: dizeime o que vos nisto pareça, porque eu nam

Muitos são os benefícios que a distância trouxe a Orta, afastando-o de si mesmo e do que lhe era familiar para se aproximar do Outro e do que era estranho.

Ao afastar-se dos principais centros da cultura europeia, Orta libertou-se da conveniência de adaptar seu pensamento àquilo que prevalecia no Ocidente. Acontece assim um fenômeno muito curioso: o que antes era Eu, de repente, passa a ser o Outro. A primeira vantagem foi que o autor deixou de ter, pelo menos em parte, medo da autoridade. Algo de que o autor tinha consciência.

RUANO

Pois Serapio alega aos Gregos nestas mézinhas***.

ORTA

Fez isso porque avia medo de dizer cousa contra os Gregos; e não vos maravilheis disto, porque eu, estando em

Espanha, não ousaria dizer cousa alguma contra Galeno e contra os Gregos*; quanto mais que, bem oulhado, não he

Vol. II, Maça e Noz, pp. 83-84.

Outra vantagem da distância é ela desenvolver o sentido crítico necessário para o sujeito reconhecer que, afinal, nem sempre o Eu e o Meu é o melhor:

a fama comua. E já pode ser que me enguane eu, porque a todollos mais dos homens lhe parecem melhor as suas cousas que as alheas; e quanto he ao que diz que os Mouros

Vol. II, das cousas novas, pág. 373.

Não é, por isso, de admirar que Orta não tivesse problema algum em recriminar comportamentos dos compatriotas:

Certo que passa assi, porque eu que estou nesta terra ha tanto tempo com muyto trabalho posso saber huma verdade perfeitamente, e a causa he porque os Portugueses, que navegam muita parte do mundo, onde vão nam procurão de saber senam como farão melhor suas mercadorias, e que levaram pera lá quando forem, e que traram da tornaviagem; não são curiosos de saber as cousas que ha na terra, e, se as sabem, nam dizem a quem lhas traz que lhe amostre o arvore, e, se o veem, nam o compárão a outro arvore nosso, nem proguntão se dá frol ou fruto, e que tal he*. E como eu nam posso andar todas as terras, nem me

Vol. I, Cánfora, pág. 151.

Nem em assinalar a fanfarronice dos castelhanos:

ORTA

Os Castelhanos, se me derdes licença, sam gente que acrescenta muyto; e porém não diz verdade, porque o que

Vol. II, Lacre, pág. 37

ORTA

O vosso escritor emitou aos Castelhanos, que fazem as suas cousas maiores, e por isso enchem a boca com dizer *las Indias Occidentales*; e não tam somente não sam as vossas terras Indias; antes nunca forão sabidas dos antigos, nem

Vol. II, Mangas, pág. 107.

Ou de criticar uns e outros ao mesmo tempo:

ha. Estas sam as ylhas da contenda entre elrey de Portugal e o de Castella, sobre que tanto se preitiou, e vós como afeiçoado a vosso rey, pesarvosha da justiça e da pose que temos tam justa.

RUANO

Tenho tam pouco de elrey de Castella e do de Portugal, que posso dizer por mim: tantos moinhos tenho qua como lá. E falando comvosco a verdade, mais devo a elrey de Portugal, pois esta não em que vim he a maior parte deste meu cunhado que a feitoriza; e estes proveitos tenho de elrey de Portugal, que do de Castella nunca tive algum, nem espero de o ter.

Vol. I, Cravo, pág. 361

O escritor não é, como é bem conhecido, o autor. No entanto, existem textos, como os *Colóquios*, nos quais um homem depositou seu pensamento e espírito, deixando-os cheios dele. Assim, Orta nos transforma em espectadores da realidade a que ele assiste e transforma o Orta-personagem em um reflexo do Orta-ser humano. A sua obra é reflexo de todo o arsenal de estranheza que se encontra ao chegar à Índia e que, precisamente por ser perturbador, dessacraliza tudo aquilo em que se imobiliza uma cultura.

Orta poderia muito bem ter escolhido anular as diferenças, mas escolheu preservar a pluralidade; para dizer, não de onde a luz vem, mas que a luz pode vir de muitos lugares ao mesmo tempo. Exactamente como em um espelho. Desde o século IV a. C. e até o Renascimento, quando Orta escreveu os *Colóquios*, persistiu a crença pitagórica de que os olhos emitiam raios de luz que, por sua vez, iluminavam os

objectos⁷. Assim, a razão pela qual os objectos se tornariam invisíveis com a distância é porque os raios visuais que saem dos olhos são divergentes e quanto mais se afastam dos objectos, mais espaços eles deixam. E menos luz. Esta teoria não deixa de ter algum sentido lógico: sem olhos não temos luz, e disso não há dúvida. Metaforicamente, foi o que Orta fez: emprestou-nos os olhos para atravessar as distâncias e deixar a luz atingir o maior número de espaços possíveis. Orta não rompeu com a construção anterior do conhecimento, nem poderia tê-lo feito. Os vestígios desse conhecimento anterior continuam a ser evidentes nos *Colóquios*. A novidade de Orta está na maneira de usar as suas ferramentas e na visão que oferece da teoria ético-estética da Antiguidade Clássica, do grego *prépon* ou do latim *decorum*. O conveniente, o que é decoroso, deixa de obedecer a um critério absoluto que anula a diversidade para objectivar a realidade. O decoro é subjectivo, segundo Orta, e embora seja verdade que, como diz Sócrates, o decoro consiste na adaptação dos valores morais do sujeito, não é menos verdade que, para Orta, esses mesmos valores não são absolutos, mas dependem do contexto no qual cada assunto é inserido. Desta forma, e depois de ter experimentado como as realidades são múltiplas, Orta mostra que o decoro também é múltiplo. A condição de uma personagem determina sua acção, mas essa condição pode mudar de um tipo cultural para outro e, como consequência, as acções multiplicam-se e o simples facto de fazê-lo não justifica um julgamento moral. Os *Colóquios*, graças a sua estrutura de diálogo que procura ser um reflexo da vida real, visam que as personagens tenham personalidade única e complementar, como se fossem seres humanos sem formalidades impostas, com o seu modo próprio de falar, pensar e agir; mas a sua validade moral não tem outro juízo além da experiência de cada grupo social ou religioso.

Deixando para trás preconceitos e ousando questionar se a realidade aparente é a única que existe, Orta dá um passo em frente no humanismo, cruzando o limiar além do qual o grande capítulo do Renascimento na história da humanidade estava a ser escrito.

⁷ Ana María CETTO, *La luz en la naturaleza y en el laboratorio*, México, Fondo de Cultura Económica, 1987, <http://bibliotecadigital.ilce.edu.mx/sites/ciencia/volumen1/ciencia2/32/html/laluz.html>.

Bibliografia

- Cristóbal ACOSTA, *Tratado de las Drogas y Medicinas de las Indias Orientales*, Burgos, Impreso por Martín de Victoria, 1578.
- Ana María CETTO, *La luz en la naturaleza y en el laboratorio*, México, Fondo de Cultura Económica, 1987. Disponível em: <http://bibliotecadigital.ilce.edu.mx/sites/ciencia/volumen1/ciencia2/32/html/laluz.html>.
- P. M. Laranjo COELHO, “Três médicos cientistas naturais de Castelo de Vide: Garcia d’Orta, Francisco Morato Roma, José António Serrano”, *O Instituto: jornal científico e litterario*, CXVI, Coimbra, 1954, pp. 378-463.
- Conde de FICALHO (ed.), *Coloquios dos simples e drogas da India*, por Garcia da Orta, Edição publicada por deliberação da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Dirigida e anotada pelo Conde de Ficalho (socio effectivo da mesma academia), Lisboa, Imprensa Nacional, 1891.
- Juan FRAGOSO, *Discursos de las Cosas Aromáticas, árboles y frutales y de otras muchas medicinas simples que se traen de la India Oriental*, Madrid, en casa de Francisco Sánchez, 1572.
- Maria Teresa NASCIMENTO, *O Dialogo na Língua Portuguesa. Renascimento e Manierismo*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2011, p. 42.
- Garcia de ORTA, *Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da India*, Goa, Impreso por Ioannes de Endem, 1563.

